

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXI

**Homenagem ao Doutor
Salvador Dias Arnaut
Volume I**



COIMBRA 1996
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

**DORDIAS (POMBALINHO - SOURE):
UMA ESTAÇÃO ROMANA NO TERRITORIO
DA LADEIA**

ANTÓNIO J. NUNES MONTEIRO
(*Universidade de Coimbra*)

A parte superior da bacia hidrográfica do Rio dos Mouros, constitui, entre o Monte Figueiró e o Monte da Pega, o eixo de uma região com uma das maiores densidades de vestígios arqueológicos no território de Conimbriga.

A memória que os documentos medievais retiveram desta região não é abundante, nem muito antiga, o que aliás se aplica a toda a margem esquerda do Mondego, em contraste com a região para norte deste rio todavia, pelos meados do séc. XII, a doação da herdade do Alvorge a Santa Cruz, por D. Afonso Henriques em 1141, retém, no traçado dos seus limites, a memória de topónimos já desaparecidos, tais como Casais de Fazalamir, ou o traçado viário nas referências à “estrada mourisca”, ou ainda, como nos documentos de 1164² e 1166^{1 2 3 4}, a *illum arraceff* Alguns

¹ Maria Helena da Cruz Coelho, *O Baixo Mondego nos Finais da Idade*, Vol. I, Coimbra, 1983, p. 9.

² Manuscrito n- 636 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fl. 159.

³ *Idem, ibidem*, fl. 160.

⁴ Joaquim da Silveira, “Toponímia Portuguesa”, in *Revista Lusitana*, Vol. 35, Lisboa,

documentos, tais como a marcação dos termos de Penela em 1137 e do Germanelo, entre 1142 e 1146, complementam as referências à região, designada nos séculos XII e XIII pelo nome de Ladeia, que o Dr. Salvador Arnaut definiu como “uma superfície assaz extensa compreendida, tanto quanto permitem asseverar os documentos, entre *Fazalampir* ao sul, Fonte Coberta ao norte, Monte de Vês e Vale do Pito, ao nascente; Serra da Barca, Pombalinho e *mata das Pias* (talvez lembrada em “Pia Furada”) ao poente — superfície em que se erguiam três defesas: as torres da Ladeia e da Ateanha e o Castelo do Germanelo O “termo de Ladeia” das Inquirições de 1220, e “termo de Germanelo” são expressões equivalentes.”⁵.

Autênticas vozes da paisagem, os topónimos germânicos ou mozárabes, retêm a memória daqueles que por aqui pastorearam rebanhos, ergueram muros e moroiços, despedregando o magro solo arável, renovaram olivais e vinhas, calcorrearam a velha estrada romana que, galgada a subida no apertado sulco desde o Poço Carril aos Aldravazes,⁶ assomava na base do Monte da Ateanha, para se lançar na contemplação de uma das paisagens mais bonitas do percurso, ao longo do Rio dos Mouros, a caminho de Conimbriga, distante ainda umas dez milhas.

A importância que esta via tinha no séc. III atesta-o o aparecimento do miliário próximo de Tamazinhos, ali implantado no

1937, p. 135.

⁵ Salvador Dias Amaut, “Novas Acheegas para a Historiada Ladeia”, **Congresso Para o Progresso das Ciências**, T. VIII, 1956, p. 371.

Congresso

⁶ Este topónimo localizado, na base sul do monte da Ateanha vem registado na fl. 263 da Carta Militar de Portugal, ed. de 1947. Julgamos ser claro ter na sua origem o árabe **darb**, “caminho”, tal como em Adarve; o último elemento ligar-se-à, eventualmente, com **várzea**, dado ser ainda hoje conhecida a zona de Poço Carril por este topónimo.

reinado de Trajano Décio.⁷ Quase um milénio depois, mesmo quando Conimbriga já não constituía foco de atracção e só o topónimo Almedina lhe recordava a importância, ainda por aqui se passava a caminho quer de Coimbra, por Alcabideque, quer de Montemor, como se comprova no doc. n.º 34 do Livro Santo de Santa Cruz, de 1135.⁸

As sucessivas gerações de possesores, partindo e repartindo o território, fruto do saque, da presúria, de doações ou de heranças, não apagaram totalmente muitos dos traços do cadastro romano, sendo ainda hoje possível identificar vestígios da centurição, eventualmente contemporânea do urbanismo augustano de *briga*,⁹

O território medieval da Ladeia não tinha qualquer identidade própria na época romana, mas não deixa de ser significativo que o limite sul do território da Ladeia coincida com a extrema meridional do território daquele *municipium*.

A inscrição de Santiago da Guarda assim o demonstra claramente, reforçando a conclusão sugerida por outros factores, nomeadamente os geomorfológicos.¹⁰

Na dispersão das exsurgências e poços, focos de vida numa paisagem seca, foi surgindo o povoamento romano, florescendo, mais ou menos próximas das vias, algumas *villae* de que se destaca, pela beleza dos seus mosaicos, Marouços, a norte do Rabaçal e,

⁷ Vasco Gil Mantas, “Dois Novos Miliários do Território de Conimbriga”, **Biblos**, Vol. LXI, 1985, Coimbra, p. 165.

⁸ Leontina Ventura; Ana Santiago Faria - **Livro Santo de Santa Cruz**, Coimbra, 1990, p. 156.

⁹ Vasco Gil Mantas, **op. cit.**, pp. 175 - 177.

¹⁰ António João Nunes Monteiro, José D’Encarnação - “A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)”, **Conimbriga**, Vol. XXXII - XXXIII, Coimbra, 1993/94, p. 309.

para sul desta, a de Dordias, de que aqui damos notícia.

Quando no dia 1 de Julho de 1990, na companhia do nosso prezado amigo José Eduardo Coutinho nos propúnhamos fazer o reconhecimento do local designado Castelo Ventoso, sobranceiro a Alcalamouque, as informações então recolhidas nesta povoação levar-nos-iam a localizar uma estação arqueológica, romana, com grande dispersão de materiais trazidos à superfície por recentes trabalhos de arroteamento, no sítio das Dordias, em Fonte Velha, freguesia de Pombalinho, já no concelho de Soure. O sítio, à cota de 220 m, é referenciado na Carta Militar de Portugal, 1:25.000 Fl. 263 pelas coordenadas Gauss 172-338. (Fig. 1)

Nesse mesmo ano, aquando do alargamento de uma vereda, que limita pelo NW o terreno revolvido, seria posto a descoberto um muro romano. Consequentemente, o Município de Soure e o IPPC decidiram a realização de trabalhos de emergência com vista a determinar o tipo e cronologia do sítio. Dada a impossibilidade de participação directa do Serviço de Arqueologia, aceitámos orientar os trabalhos de escavação.

Quando em Julho de 1991 procedemos ao início da 1ª campanha de escavações tínhamos encontrar uma estação totalmente destruída. Porém, constatámos, desde logo, que o revolvimento não fora tão profundo quanto o espólio arqueológico, à superfície, fazia supor.

Os trabalhos prolongar-se-iam até Agosto de 1995 sem que se tivessem posto a descoberto todas as estruturas arqueológicas. A interrupção dos trabalhos deveu-se, principalmente, à exiguidade de apoios, tais como pessoal e equipamento para remoção de terras.

No decurso do mês de Agosto de 1996, como medida de protecção que garantisse a preservação das ruínas, procedemos ao aterro das estruturas. A recente aquisição do terreno por parte

do Município permitirá, finalmente, a execução de outras medidas de protecção da estação.

As escavações permitiram confirmar que a ocupação do sítio se estendeu desde finais do séc. I a. C. ao séc. V d. C., em três fases de ocupação, uma das quais é definida por um espesso estrato de cinzas e carvões, denunciando destruição violenta, contendo entre o seu espólio várias moedas do 3^o e último quartel do séc. IV.

Dentre alguns materiais, infelizmente provenientes de terras revolvidas ou de enchimento, documentando as balizas desta longa ocupação, destacamos uma fíbula de tipo transmontano (séc. IV a I a. C.) e uma moeda ibérica cunhada em Orippe (datável de 50 a. C.) bem como um pequeno capitel tardo-romano, possivelmente do séc. V da nossa era.

Não tivemos ainda a possibilidade de estabelecer qualquer confronto entre os materiais desta estação e aqueles que o próprio Doutor Salvador Arnaut recolheu nas escavações do vizinho Castelo do Rabaçal, pois não está afastada a hipótese da existência de níveis pré-romanos, quiçá romanos, naquele monte do Germanelo.

Também o aparecimento de espólio neolítico, constituído por alguns machados, facas, e uma belíssima enxó em silimanite, não é de estranhar nesta estação romana, se tivermos em atenção a neolitização da zona, ainda testemunhada pelos restos de um monumento megalítico, inédito, cerca de um quilómetro a Oeste das Dordias.

O sítio arqueológico das Dordias estende-se ao longo de um estreito vale entre o lugar da Fonte Velha e as proximidades de Alcalamouque, como que escondida dos olhares de quem se deslocava pela via, mas relativamente próximo dela.

Pelos relatos dos habitantes daquele lugar julgamos que a *domus* se localizaria na zona mais ampla do vale, isto é, no sítio onde hoje se encontra o lugar de Fonte Velha, dado que tem surgido alicerces e cerâmica de construção durante os trabalhos mais profundos em hortos e quintais. Para sul da Fonte Velha, numa propriedade junto ao caminho, surgiram também no decurso de trabalhos agrícolas, *tegulae* inteiras e bastantes ossos, correspondendo o sítio, eventualmente, a uma necrópole.

Tanto de um como do outro lado do caminho, transformado em caudaloso ribeiro, quando as chuvas obrigam as exurgências a debitar os enormes caudais subterrâneos, há restos de cerâmica de construção romana. Numa vinha, na encosta virada a nascente, o proprietário disse-nos ter encontrado, aquando da plantação, vários muros formando compartimentos mais ou menos quadrangulares, tendo-lhe chamado a atenção o facto de a terra ser humosa e muito escura.

O terreno onde realizámos as escavações, apresentando uma forma mais ou menos quadrangular, com oitenta metros de lado, situa-se na base de uma encosta voltada a Oeste. (Fot. 1)

Apenas tivemos possibilidade de escavar uma área um pouco superior a um rectângulo com 32 m por 16 m. Aí foram postos a descoberto os alicerces de edifícios que rodeavam um pátio central onde se encontraria um telheiro ou alpendre, dado o aparecimento mais ou menos concentrado de tijolos de coluna. Dentre a cerâmica de construção recolhemos fragmentos de *tegulae* quer do cume do telhado, com a interrupção do rebordo para assentamento do *imbrex*, quer do beirado, com uma decoração serpentiforme feita com os dedos sobre a pasta fresca e um furo para fixação ao madeiramento, quer duas *tegulae* com uma gola ou ressalto rodeando uma abertura circular, com 12 cm de



Foto 1 – Situação das Dordias. Em último plano é visível o monte do Gerumelo

diâmetro, para a saída dos fumos da lareira.

No interior deste pátio, ainda por escavar no canto NE, foram postas a descoberto testemunhos da primeira ocupação, nomeadamente dois muros orientados no sentido NO - SE. Para norte do pátio está bem testemunhada a última ocupação com a construção de vários compartimentos, literalmente sobrepostos a estruturas anteriores, dos quais destacamos um com 4 m por 2,86 m, comunicando com outros, ligeiramente menores, tanto para Norte como para Oeste. (Fig. 2)

Todavia, um dos aspectos mais interessantes desta estação surgiria, logo na primeira campanha, com a escavação de um compartimento, com 5,48 m por 7,33 m, contendo, praticamente ao centro, uma estrutura quadrangular lajeada com placas de calcário (Fot. 2) e, no canto NE, vestígios de um tanque com um

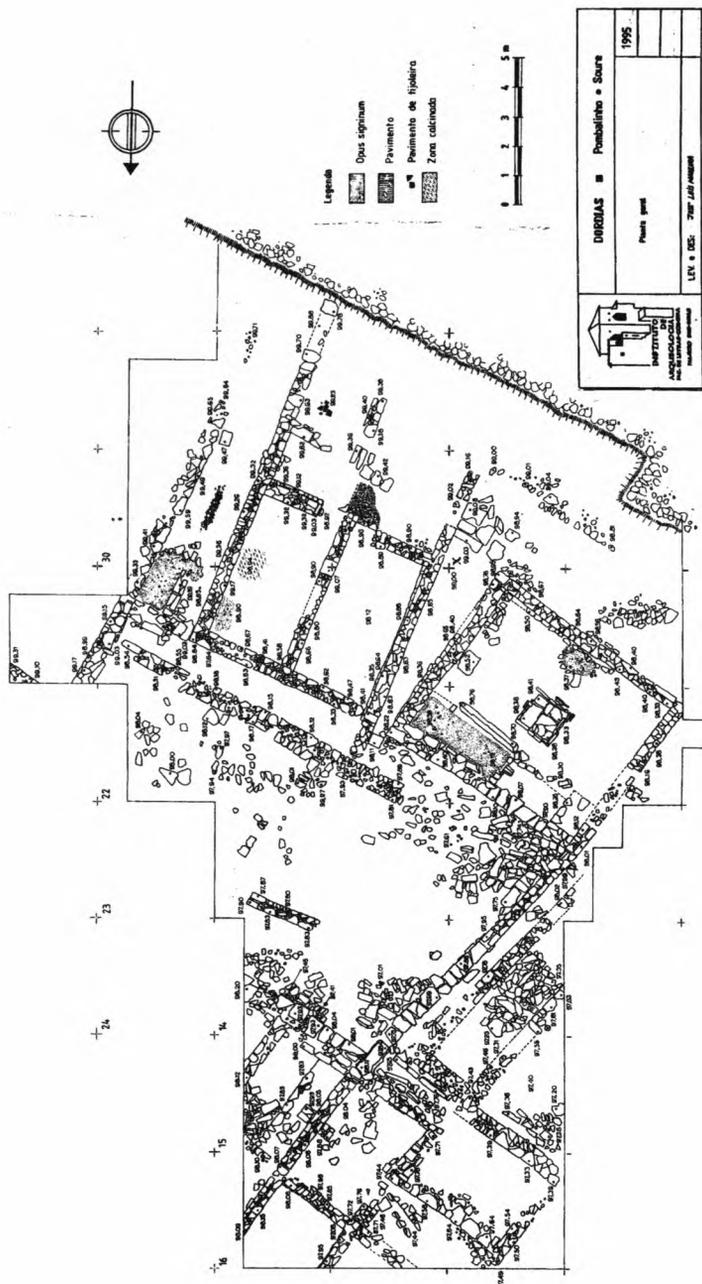


Figura 2 - Planta das estruturas postas a descoberto com as cinco campanhas de escavações (1991/95)



Foto 2 – Base da prensa. No sentido transversal são ainda visíveis os restos do tanque e do reservatório.

pavimento em *opus signinum* e uma bica comunicando para NE com uma depressão, mais ou menos rectangular. (Fot. 3)

Da parede sul resta ainda uma laje que, devido a fortes pressões post abandono, se encontra ligeiramente obliquada. As paredes norte e leste do pequeno tanque eram simultaneamente as do edifício. Sobre a bica, do lado Oeste, devia ter existido uma outra parede da qual não há qualquer vestígio.

Um outro aspecto, que desde logo nos surpreendeu, prende-se com a construção muito pouco cuidada do segundo reservatório para onde escorreria o líquido; embora aparentando uma forma rectangular, os muros que o limitam reduzem-se a uma única fiada de pedras, não havendo quaisquer vestígios de revestimento. Este facto permite supor que o líquido que para aí escorria, fosse ele



Foto 3—Aspecto da bica do tanque de tinturaria, já desaparecida em Agosto de 1996.

qual fosse, não teria grande importância. Este reservatório foi escavado num estrato de argila que não permite a infiltração; daí que possamos interpretar como aberturas de escoamento para o pátio os dois espaços existentes entre as pedras maiores do muro do lado norte.

A plataforma quadrangular, no centro do compartimento, parece ser a base de uma prensa, apresentando, além de um ligeiro abaulamento, várias fracturas, factos que julgamos deverem-se às grandes pressões suportadas.

Relacionando esta estrutura com as características do reservatório parece-nos plausível a hipótese de nos encontrarmos perante estruturas ligadas à actividade têxtil, nomeadamente a tinturaria, hipótese reforçada pela exumação de espólio assaz significativo.

Destacamos uma pequena balança de bronze, reutilizando como aro uma fíbula anular em ómega, (Fig. 3 e Fot. 4) que poderá documentar a prática da pesagem de corantes utilizados na tinturaria dos tecidos, provavelmente de lã.



Foto 4 – Fíbula e braço de balança romana das Dordias.

O achado de instrumentos de medida da época romana com todos os componentes—permitindo, assim, o estudo das medidas que utilizavam — é muito raro. Porém, como paralelo, podemos referir a *statera*, encontrada no termo da cidade de Córdoba, que conserva ainda o peso (*aequipondium*), que se deslocava ao longo da barra, com um peso total de 294,5 gramas.^{11 11}

¹¹ Francisca Chaves Tristán - “Instrumentos de medida romanos hallados en Andalucía”, *Zephyrus*, Vol. XXXIV-XXXV, Salamanca, 1992, 219-222.

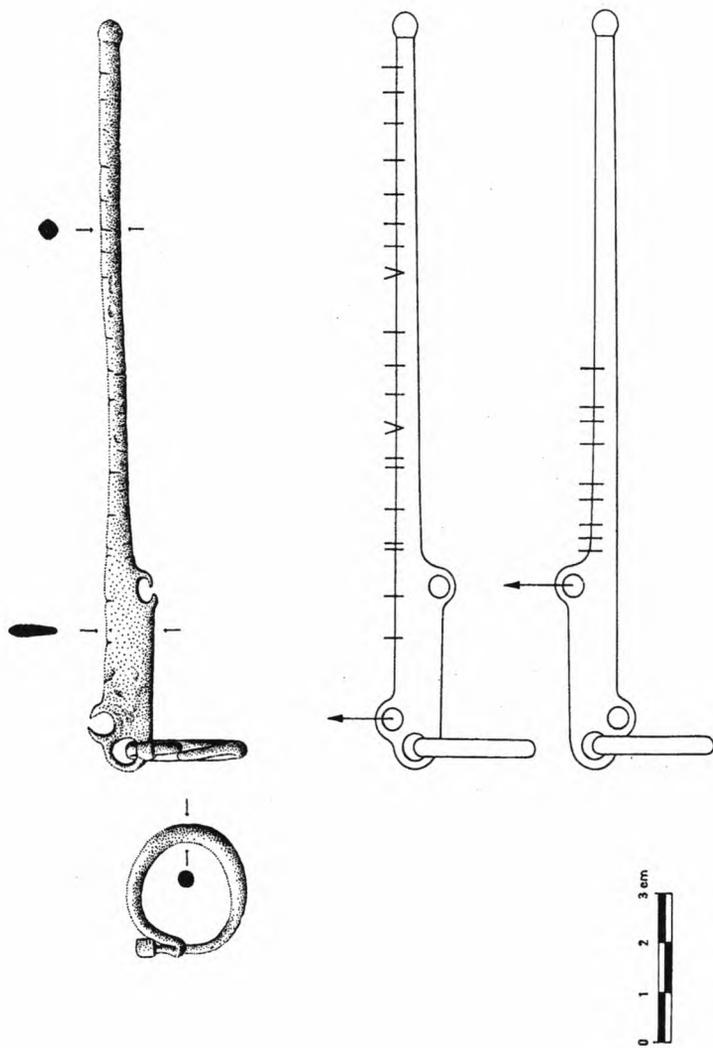


Figura 3 - Balança romana das Dordias, realçando-se a dupla marcação no braço

O exemplar das Dordias possui duas escalas gravadas em duas faces do braço losangonal, dividido em libras e fracções da libra.

Num deles a numeração vai de (1) a (X) libras e 7 onças (7 duodécimos da libra), ou seja até 3, 421147 Kgs. O outro braço está subdividido por 9 entalhes, correspondentes a 9 onças, isto é, 242,442 gramas.¹²

Finalmente, mais do que mero testemunho da existência de teares verticais, o elevado número de pesos de tear recolhidos, num total de 104 até ao momento, demonstram que as Dordias foram na época romana um importante centro de tecelagem.

Curiosamente, contrastando com a forte actividade da tecelagem, a fiação está testemunhada por apenas três cossoiros ou fusaiolas.

Também parece reforçar a importância deste centro o facto de na vizinha *villa* romana de Marouços (Rabaçal) se terem recolhido, até ao momento, unicamente 7 pesos de tear.¹³

Na tentativa de obtermos mais respostas procurámos estabelecer uma tipologia dos pesos recolhidos nas Dordias. Esta basear-se-ia fundamentalmente em dois aspectos:

—o peso inicial de cada exemplar, dado que, sendo a sua função manter esticadas as fibras utilizadas, a pesos iguais corresponderiam fibras iguais;

— a forma, podendo esta revelar evoluções tecnológicas e, consequentemente, supor um número aproximado de teares.

Todavia, esta tarefa revelar-se-ia extremamente difícil dado que,

¹² Cumpre-nos agradecer à Dr^a Maria de La Salette da Ponte, Professora - -Coordenadora da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, o cálculo dos valores aqui apresentados.

¹³ Informação que agradecemos ao Dr. Miguel Pessoa.

dos 104 pesos documentados, apenas 25 permitem determinar, com rigor, as três dimensões: altura, largura e espessura; destes, apenas 14 terão um peso muito próximo do original—ou ligeiramente inferior, devido à erosão.

Um conjunto de 15 exemplares, devido a fracturas e/ou desgaste, não permite determinar, nem aproximadamente, dimensões e peso; porém, pela pasta, espessura e/ou largura, secção, etc. podem ser tipologicamente relacionados com os primeiros.

Constituímos um terceiro conjunto, composto de 39 fragmentos, que ostenta unicamente o orifício de suspensão. Destes, apenas um exemplar apresenta dois orifícios.

Um quarto conjunto reúne 17 fragmentos com vestígios do orifício de sustentação seccionado pela fractura.

Finalmente seleccionámos um grupo de 8 fragmentos cerâmicos cuja forma, dimensões e pasta os denuncia como pesos de tear.

Confrontadas algumas propostas tipológicas, nomeadamente a de Castro Curei¹⁴, com base nos pesos recolhidos em povoados do litoral mediterrânico da Península Ibérica e na bacia do Ebro, optámos por seguir a tipologia estabelecida para os pesos de Conimbriga por A. M. Alarcão e F. Mayet,¹⁵ tal como J. Nolen¹⁶ no estudo dos oito pesos recolhidos na *villa* do Alto da Cidreira (Cascais), repartindo-os pelos seis grupos seguintes:

¹⁴ Zaida Castro Curet- "Pondera. Examen cualitativo, cuantitativo, espacial y su relación con el telar com pesas," *Empuñas*, 47, Barcelona, 1985, 230 - 253.

¹⁵ Adília Alarcão, Françoise Mayet, *Fouilles de Conimbriga*, Vol. VII, Paris, 1979, pp. 54 - 80.

¹⁶ Jeannette U. Smit Nolen.- "A *villa* romana do Alto da Cidreira (Cascais)", *Conimbriga*, XXVII (1988), p. 61-140.

I. Pesos em forma de paralelepípedo, de secção rectangular: (54 exemplares; eventualmente atingir-se-ão os 70 exemplares, se incluirmos alguns fragmentos que, pelo desgaste ou fracturas, não permitem uma classificação tão segura).

II. Pesos em forma paralelepipedica, de secção quadrada: (4 a 5 exemplares).

III. Pesos em forma de pirâmide truncada, de secção rectangular: (um único exemplar).

IV. Pesos em forma de pirâmide truncada, de secção quadrada: (5 exemplares).

V. Pesos de face rectangular e de lado trapezoidal: (um único exemplar).

VI. Pesos de face trapezoidal e de lado rectangular: (3 exemplares).

Do confronto com Conimbriga, onde predomina o grupo 1(159 exemplares), seguido pelo 111(118 exemplares), o V e o VI com 45 e 49 exemplares respectivamente, constata-se que nas Dordias a percentagem do Grupo I é proporcionalmente mais elevada, estando quase ausentes os Grupos III e V, tão significativos em Conimbriga.

No que respeita aos orifícios de suspensão apenas três exemplares apresentam duas perfurações, mostrando também uma desproporção mais acentuada que em Conimbriga. Curiosamente, em recolhas ocasionais feitas na Alta de Coimbra por Maia do Amaral¹⁷, bem como nas escavações que actualmente decorrem no Museu¹⁷

¹⁷ A.E. Maia do Amaral, "Materiais romanos do Largo da Sé Velha" *Munda*, n- 10, Coimbra, 1985, pp. 41 a 45. Além dos dois diferentes exemplares publicados, Maia do Amaral cedeu-nos para estudo três fragmentos de pesos de tear que recolheu nos terrenos revolvidos pelas obras na Praça de S. Salvador. Todos apresentam 2 furos de suspensão

Machado de Castro ¹⁸, predominam os pesos com dois orifícios de suspensão.

Se agruparmos os pesos de tear recolhidos nas Dórdias de acordo com as suas dimensões, notamos que, os 25 exemplares de altura conhecida, se distribuem do seguinte modo:

Entre os 81 e 88 mm: 2 exemplares; entre 92 e 94 mm: 3 exemplares; entre 100 e 109 mm: 10 exemplares; entre 112 e 117 mm: 4 exemplares; entre 120 e 123 mm: 4 exemplares; de 137 a 147: 2 exemplares.

Constata-se de imediato a maior representatividade dos exemplares com alturas compreendidas entre os 100 e os 109 mm. o que, aliás, parece verificar-se também em Conimbriga.

Fazendo corresponder esta repartição de pesos aos grupos propostos por A. Alarcão e F. Mayet¹⁹ — (Grupo A: grandes pesos, entre 130 e 160 mm; Grupo B: pesos médios, entre os 85 e 130 mm; Grupo C: pequenos pesos) — teremos nas Dórdias o Grupo A representado por 2 exemplares; o Grupo B por 22 exemplares e o Grupo C por um único exemplar.

Se, dentro de cada grupo, calcularmos um peso médio, constatamos valores inferiores aos de Conimbriga, dado que para o grupo B os valores nas Dórdias rondam os 460 gramas enquanto naquela estação se alcança o valor médio de 575,5 gramas, diferença que resultará da usura, ou do pior estado de conservação, dos materiais das Dórdias.

Também as concentrações, no interior desta variação diferem

e marca de oleiro no topo: uma cruz incisa (dois exemplares) e um M, inciso, muito aberto, cortado transversalmente por uma linha incisa, ligeiramente oblíqua, que lhe dá o aspecto de dois AA.

¹⁸ Informação oral do Dr. Pedro Carvalho, que agradecemos.

¹⁹ A. Alarcão, F. Mayer, *op. cit.*, Vol. VII, p. 63.

nas duas estações, constatando-se três núcleos dos 220 aos 255 gramas (3 exemplares), dos 320 aos 365 gramas (3 exemplares) e, o mais significativo, dos 555 aos 780 gramas (5 exemplares). Corresponderia cada série a um único tear, ou seriam utilizados simultaneamente fibras e pesos diferentes? Não encontramos até ao momento qualquer resposta a esta questão. Como os valores nas Dordias oscilam entre os 220 gramas e 1.020 gramas, aproximadamente, puder-se-à supôr o recurso a uma significativa variedade de fibras.

Dentre os pesos que ostentam marcas de oleiro ou grafitos - que vão desde um toscó X, cavidades circulares, cruces, palmetas ou espinhas, até marcas impressas em relevo, num total de 13 — gostaríamos de destacar dois exemplares: os n^{os} 3132 e 4198, ambos integrados no Grupo B (pesos médios) e na forma I.

3132 - Dimensões: 102, 62, 32 mm; um único orifício com o diâmetro de 7 mm; peso: 280 gramas; fracturado em cerca de um terço do volume; forma de paralelepípedo de secção rectangular. Apresenta como marca de oleiro, incisa, na parte superior do peso, um X apenas conservado em metade do seu tamanho. (Fig. 4) Numa das faces, no sentido da altura, entre o orifício de suspensão e a aresta maior, ostenta em duas linhas uma inscrição cursiva gravada sobre a pasta fresca. Fundamentalmente, devido à erosão da zona epigrafada, não nos é possível adiantar qualquer leitura. (Fot. 5)

4198 - Dimensões: 102, 58, 36 mm; um único orifício com o diâmetro de 9 mm; peso: 365 gramas; pequenas falhas por erosão; pasta alaranjada a azulada por excesso de cozedura; forma de

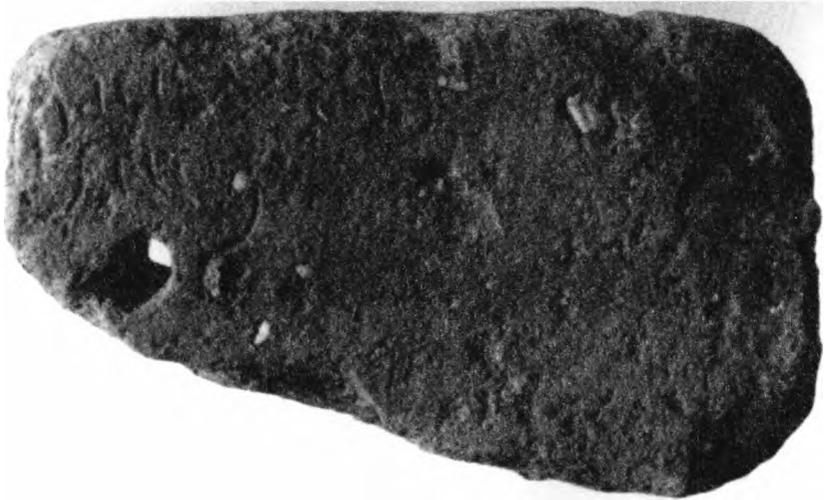


Foto 5 – Face epigrafada do peso n° 3132

paralelepípedo de secção rectangular. Apresenta como marca de oleiro, em relevo, na parte superior do peso:

M {*adonis*)
(oficina) de Maelo

Esta marca que identifica mais dois exemplares, fragmentados, recolhidos nas Dordias é apontada como sendo a sigla da olaria de Maelo de Conimbriga onde, na verdade, aparece em 14 pesos, e cuja actividade parece situar-se na 2ª metade do séc. I.^{20 21}

Os pesos das Dordias são idênticos ao 205.2 de Conimbriga

²⁰ *Idem*, Vol. II, p. 139.

²¹ *Idem*, Vol. VII, p. 67.

bem como um outro, inédito, encontrado à superfície, no concelho da Mealhada, aspecto de evidente importância para o estudo das trocas comerciais.

Os pesos de tear, bem como a cerâmica de construção, proporcionalmente ao outro espólio arqueológico, não tem sido objecto de grande estudo — excepto quando epigrafados — podendo mesmo dizer-se que são vistos como materiais menores.

Talvez, na própria época romana, fossem considerados como produtos secundários e, pelas suas características, fáceis de fabricar, fizessem parte do trabalho dos jovens aprendizes. Sem discordarmos em absoluto desta opinião, talvez a marca de Maelo, testemunhe contactos para norte do Mondego, mostrando que a importância destes pequenos artefactos justificava as distâncias. De igual modo, o facto de serem epigrafados, com a pasta fresca, é bem revelador de que os simples artesãos que os fabricavam sabiam escrever.

É provável que a estação arqueológica das Dordias venha ainda a reforçar o número já significativo de pesos de tear recolhidos, bem como outros materiais que se relacionem com a actividade têxtil, se tivermos em conta que alguns exemplares foram recolhidos à superfície, nas zonas limítrofes, a cotas muito superiores à da zona escavada.

Que tipo de fibras suspenderiam estes pesos? Estamos plenamente convencidos que se tratava da lã. Ainda hoje a região se caracteriza pela pastorícia de rebanhos de ovinos e caprinos, sendo famoso o queijo do Rabaçal:

“Feito de mistura de leite de ovelha e de cabra (com predomínio do primeiro) deve em parte as suas características à aromática “erva de Santa Maria”, “erva santa”, que o gado come pelos mon-

tes”.²² A memória desta actividade ficou perpetuada no Foral de Penela de 1137 onde as ovelhas são referidas, bem como na Toponímia, onde se documenta, nomeadamente, o Monte Vêz, o medieval Monte Oves.²³

Não nos repugna, pois, acreditar que estes dois produtos, embora não os únicos, fossem os grandes pilares da economia da *villa* romana nas Dordias.

²² Salvador Dias Amaut, Pedro Dias - *Penela. História e Arte*, Penela, 1983, p. 83.

²³ Salvador Dias Amaut, *op. cit.*, 1939, p. 82.